

DOI: 10.20911/21799024v13n2p120/2022

Espiritualidade litúrgico-sacramental: A vida espiritual alimentada na riqueza da liturgia

Renato Quezini ¹

Washington Paranhos, SJ ²

Resumo: Neste ensaio, pretendemos discutir a situação atual da vida espiritual alimentada na riqueza da liturgia. A espiritualidade nasceu na liturgia, alimentada pela Palavra de Deus dos dois Testamentos. Não é *uma* espiritualidade cristã, mas é *a* espiritualidade cristã. A sua qualificação própria é a vida dos cristãos em permanente encontro com Jesus Cristo sob a ação do Espírito Santo. Num primeiro momento terçemos algumas observações preliminares sobre a espiritualidade litúrgica, depois avançamos com uma reflexão sobre o tema da interligação entre a liturgia e espiritualidade e finalmente no último ponto apresentamos quais são as características da espiritualidade derivada da liturgia.

Palavras-chave: Espiritualidade; liturgia; Palavra de Deus; fé;

Abstract: In this essay, we intend to discuss the current situation of the spiritual life nourished in the richness of the liturgy. Spirituality was born in the liturgy,

¹ Presbítero da Arquidiocese de Maringá. Mestrando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), bolsista CAPES. Especialista em liturgia (UNISAL), espiritualidade cristã e orientação espiritual (FAJE) e counseling (FAV), bacharel em filosofia (IFAMA) e teologia (PUC-PR). rquezini@yahoo.com.br

² Doutor em teologia pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma; professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE); líder do Grupo de Pesquisa "A Recepção da Reforma Litúrgica e o Debate Litúrgico-Sacramental Contemporâneo"; membro da Associação dos Liturgistas do Brasil (ASLI); e da Jungmann Society - Associação Internacional de Jesuítas Liturgistas. wparanhossj@gmail.com

nourished by the Word of God from both Testaments. It is not Christian spirituality, but it is Christian spirituality. Its proper qualification is the life of Christians in permanent encounter with Jesus Christ under the action of the Holy Spirit. At first, we make some preliminary observations on liturgical spirituality, then we move on with a reflection on the theme of the interconnection between liturgy and spirituality and finally, in the last point, we present what are the characteristics of spirituality derived from the liturgy.

Keywords: Spirituality; liturgy; God's Word; faith;

Introdução

A situação pós-conciliar da liturgia católica é evidentemente caracterizada por uma dialética entre um cansaço paralisante por um lado e o desejo de uma liturgia muito mais viva por outro. Na verdade, de uma liturgia, que se desenvolve fora do ambiente bem protegido das Igrejas a serviço dos homens. Qual é a posição da reforma litúrgica promovida pelo Concílio?

Um exame de consciência deve ser feito, o que poderia levar a uma nova consideração e avaliação da importância de uma espiritualidade litúrgica. Se o Concílio fala da liturgia como "fonte", "cume" ou "coração" da vida cristã, deve-se ter presente que esses conceitos caracterizam apenas uma parte, mas não a totalidade da vida cristã. Devemos, portanto, pensar em superar o tradicional isolamento de nossa liturgia.

Antes de tudo, deve-se buscar integrar a liturgia na atividade da Igreja, que se desenvolve (ou deveria desenvolver-se) sobre três planos, isto é, no anúncio, no serviço e na liturgia (μαρτυρία-διακονία-λειτουργία). Mas estes três planos de atividades da Igreja devem formar apenas uma unidade, devem ser três aspectos integrados da única realidade da Igreja³. Libertar a renovação litúrgica da esterilidade e estagnação significa superar a unilateralidade e integrar os diversos aspectos e elementos na totalidade da ação salvífica da Igreja.

A espiritualidade litúrgica é, nesse sentido, a espiritualidade da Igreja, portanto, deve sempre considerar todas as atividades e deveres para a edificação da Igreja. A objetividade da ação litúrgico-sacramental requer, neste aspecto, também a plena subjetividade do ato humano, para não cair em magia. Não podemos ignorar que, na história, a espiritualidade litúrgica infelizmente, tornou-se uma espiritualidade no momento da Liturgia, e que se perdeu a síntese da Liturgia. Como nos diz o Papa Francisco na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* n. 16:

Devemos ao Concílio — e ao movimento litúrgico que o precedeu — a redescoberta de uma compreensão teológica da Liturgia e de sua importância na vida da Igreja. Como os princípios gerais enunciados na *Sacrosanctum Concilium* foram fundamentais para a reforma da liturgia,

3 LANG O., *Spiritualità liturgica. Questioni e problemi scelti di spiritualità liturgica* (Manoscritto), Einsiedeln 1982, 17.

continuam a ser fundamentais para a promoção dessa celebração plena, consciente, ativa e fecunda (SC n. 11; 14), na liturgia “a fonte primária e indispensável da qual os fiéis devem derivar o verdadeiro espírito cristão” (SC n.14). Com esta carta, quero simplesmente convidar toda a Igreja a redescobrir, salvaguardar e viver a verdade e a força da celebração cristã. Quero que a beleza da celebração cristã e suas consequências necessárias para a vida da Igreja não sejam prejudicadas por uma compreensão superficial e escorçada de seu valor ou, pior ainda, por serem exploradas a serviço de alguma visão ideológica, seja qual for⁴.

As questões que o Papa levanta, em primeiro lugar, nos faz ver a necessidade de aproximar novamente culto e espiritualidade do culto. Apesar dos progressos realizados na reflexão doutrinal e na sua implementação prática na vida da Igreja, a “conversão” litúrgica da vida espiritual permanece, no entanto, incompleta. Os pedidos do SC parecem ser discretamente recebidos hoje, se pensarmos na lentidão e esforço requeridos pela mudança de mentalidade. Não é fácil abandonar uma concepção da Liturgia como um rito externo a ser cumprido, um dever religioso a ser observado, e em vez disso considerá-la como lugar da memória que estabelece o caminho da fé em uma genuína experiência religiosa⁵.

O Papa Francisco em diversas ocasiões tem alertado contra uma perigosa tentação para a vida da Igreja, que chama de “mundanismo espiritual”. Ele fala longamente sobre isso na Exortação *Evangelii Gaudium* (nn. 93-97), apontando o gnosticismo e o neopelagianismo como duas versões conectadas entre si que alimentam essa mundanidade espiritual. A primeira reduz a fé cristã a um subjetivismo que “em última análise, mantém a pessoa aprisionada em seus próprios pensamentos e sentimentos”. (EG 94) A segunda anula o papel da graça e “conduz a um elitismo narcísico e autoritário, pelo qual, em vez de evangelizar, analisa e classifica os outros, e em vez de abrir a porta à graça, esgota as suas energias em inspecionando e verificando” (EG 94).

É necessário fazer da liturgia um verdadeiro processo de aprendizagem e, portanto, um evento comunicativo. E aqui também devemos ver a tarefa e responsabilidade dos pastores, que devem fazer os fiéis conhecerem essa espiritualidade. Se a espiritualidade cristã é a vida segundo o espírito ou mais precisamente, a acolhida do dom de Deus e a busca da conformidade a Cristo, deixando-se guiar pelo Espírito Santo, a espiritualidade não pode senão ser litúrgica. De fato, é na liturgia que o cristão se torna participante do Mistério de Cristo.

O presente artigo está dividido em três partes com as devidas subdivisões em cada uma delas. Num primeiro momento trazemos algumas observações preliminares sobre a espiritualidade litúrgica, depois avançamos para a reflexão sobre o tema da interligação entre a liturgia e espiritualidade e por fim no último ponto quais são as características da espiritualidade derivada da liturgia.

4 PAPA FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi sobre a formação litúrgica do povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2022.

5 NOVELLA G., *Integrazione tra liturgia e spiritualità: problemi e proposte*, in «Credere oggi», n. 98, fasc. n.2 (1997), 77; Cf. AUGÉ M., *Spiritualità litúrgica*. “*Offrite i vostri corpi come sacrificio vivente, santo e gradito a Dio*”. Cinisello Balsamo, San Paolo, 6.

1. Observações preliminares sobre a espiritualidade litúrgica

O tema da espiritualidade litúrgica é um assunto muito complexo. É muito mais caracterizado pela discussão sobre a liturgia renovada e pelo problema da secularização. É a princípio uma questão da liturgia, depois uma questão da espiritualidade (qual espiritualidade e para quem?), logo após uma questão de fé e finalmente a convergência entre fé e liturgia.

1.1 A questão da liturgia

Começando a reflexão sobre o nosso tema, devemos primeiro ver que esta é a questão da própria liturgia. A Liturgia em si é hoje desafiada por muitos que veem o verdadeiro culto no compromisso e serviço pelo mundo e aos homens, e se referem a São Paulo: "Eu vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso verdadeiro culto" (Rm 12,1).

Mas mesmo dentro da liturgia há discussões entre conservadores e moderados. Como deve ser visto o papel da liturgia cristã em um mundo secularizado, como a liturgia pode ser eficaz na transformação do mundo? O Papa Francisco nos diz:

Se o gnosticismo nos intoxica com o veneno do subjetivismo, a celebração litúrgica nos liberta da prisão de uma autorreferencialidade alimentada pelo próprio raciocínio e pelo próprio sentimento. A ação da celebração não pertence ao indivíduo, mas à Igreja-Cristo, à totalidade dos fiéis unidos em Cristo. A liturgia não diz "eu", mas "nós", e qualquer limitação na amplitude desse "nós" é sempre demoníaca. A liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um suposto conhecimento individual do Mistério de Deus. Pelo contrário, leva-nos pela mão, juntos, como uma assembleia, para nos levar ao fundo do Mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam. E faz isso, coerente com toda ação de Deus, seguindo o caminho da Encarnação, ou seja, por meio da linguagem simbólica do corpo, que se estende às coisas no espaço e no tempo (DD n. 19).

Falando-se de "liturgia" nos referimos à sua referência objetiva intrínseca ao Mistério da Aliança, fundada em Cristo morto e ressuscitado, torna-se evidente que, por sua natureza, ela é colocada ao lado da própria origem da experiência cristã, delinea sua estrutura e representa o seu conteúdo. Portanto, a princípio, não se concebe uma experiência cristã que seja colocada fora ou ao lado da celebração litúrgica. Poder-se-ia dizer: a experiência cristã, por sua própria natureza, assume o evento expresso na celebração litúrgica, torna-se a realidade viva, por assim dizer⁶.

6 Cfr. MOIOLI G., *Liturgia e vita spirituale*, in «Rivista Liturgica», 61 (1974) n. 3, p. 330.

1.2 A questão da espiritualidade

O fundamento comum de toda espiritualidade cristã é a obra salvadora de Cristo, na qual todos os fiéis participam ativamente, por um lado, em sua fé, por outro lado, nos sacramentos da fé, em primeiro lugar, na participação ativa e frutuosa da Eucaristia. Assim, a liturgia torna-se verdadeiramente “fonte” e “cume” de toda a vida cristã; “ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão de beber o espírito genuinamente cristão”⁷.

Para Marsili, fica claro que a liturgia é a espiritualidade da Igreja. Em um de seus artigos, ele afirma claramente: “Se por ‘espiritualidade’ se entende a soma de atitudes e de expressões, no pensamento e na ação, que determinam nossas relações com Deus, então fica claro que a Igreja tem precisamente na liturgia sua própria forma de espiritualidade”⁸. Se a espiritualidade é uma experiência cristã (compreendida ou não) ela não existe fora da liturgia ou próxima à liturgia. De fato, esta é a história da salvação em contínua atuação na celebração pela vida dos fiéis, que por sua vez culmina na celebração para que a salvação não desapareça. Todo fiel faz uma verdadeira experiência por causa da liturgia⁹.

1.3 A questão da fé

Liturgia e espiritualidade como questão de fé, significa que devemos hoje ver o problema da espiritualidade litúrgica em um contexto mais amplo, um contexto dado pela situação em que nossa fé se encontra. O Papa Francisco assim caracteriza esta situação:

Se o neopelagianismo nos intoxica com a presunção de uma salvação conquistada por nossos próprios esforços, a celebração litúrgica nos purifica, proclamando a gratuidade do dom da salvação recebido na fé. Participar do sacrifício eucarístico não é uma conquista nossa, como se por isso pudéssemos nos gloriar diante de Deus ou diante de nossos irmãos e irmãs. A liturgia nada tem a ver com um moralismo ascético. É o dom do Mistério Pascal do Senhor que, recebido com docilidade, renova a nossa vida. Não se entra no cenáculo senão pelo poder de atração de seu desejo de comer a Páscoa conosco (DD n. 20).

Bento XVI também colocava a questão explicitamente sobre a relevância da fé: para nós, hoje a fé cristã é também uma esperança que transforma e sustenta a nossa vida?¹⁰ A humanidade vive na opinião de que Deus não existe. E a fé cristã é também responsável por este ateísmo teórico e prático? O ateísmo ou o indiferentismo religioso dá ao homem uma visão da vida sem a menor fé – sinal de uma secularização total. Entretanto, um novo renascimento da fé se manifesta aqui e ali, mas essa fé é entendida principalmente como fé a-cúltica.

7 SC, 14.

8 MARSILI S., *Liturgia-Vita della Chiesa*, in «Sacra Doctrina», 7/28 (1962), p. 567.

9 TRIACCA A.M., *Per una definizione di "spiritualità liturgica" dell'ambito liturgico*, in «Notitiae» 272, 25 (1989), p. 287

10 BENTO XVI, *Spe Salvi*, n. 23.

Uma certa discrepância é observada hoje entre a fé e a liturgia.

1.4 Convergência entre fé e liturgia

A vida do cristão tem a fé como raiz: ela desenvolve-se em proporção à sua fé, da sua abertura consciente e livre à graça do Cristo. Pela fé, entra-se na consciência de Deus, que cria e aprofunda uma dinâmica de comunhão. A fé cresce proporcionalmente ao quanto o coração do homem se abre para o mesmo amor que Jesus revelou aos homens.

A princípio, trata-se de uma transparência da fé pessoal, para a qual a liturgia não deve ser um obstáculo. A liturgia deve ter o caráter de um apelo à decisão pessoal na fé. Deve, portanto, favorecer o compromisso pessoal do cristão de hoje. A liturgia deve superar-se para mostrar-se eficiente além da esfera cultural. Por outro lado, a fé também deve encontrar sua própria estrutura na celebração litúrgica. É acima de tudo a aceitação do "primado" cristológico. A fé deve inserir a sua própria história na história da salvação.

O resultado positivo da problemática "Liturgia e espiritualidade" é, portanto: todos os fiéis da Igreja são chamados à santidade. O fundamento desta santidade é a obra salvífica de Cristo, na qual os fiéis participam na fé e na liturgia (sobretudo nos sacramentos). Assim, há uma certa convergência entre fé pessoal e liturgia¹¹. Nesta dinâmica teológica e sacramental, a espiritualidade é a expressão autêntica da antropologia cristã, que não se detém simplesmente num discurso sobre o homem cristão, mas desenvolve o projeto cristão sobre o homem, que é chamado a ser e a tornar-se a "imitação" viva do Cristo. A verdadeira espiritualidade, no projeto divino, visa à realização do homem, eleito no Espírito, a amadurecer na vocação plena para ser imagem e semelhança de Deus¹².

2. A liturgia e espiritualidade

A espiritualidade cristã se relaciona com a liturgia como a fonte de sua vitalidade. É da Liturgia que brota o conhecimento essencial da vida divina doada aos fiéis¹³. Ninguém pode colocar seriamente em discussão esta afirmação, que o Concílio Vaticano II consagrou e que nestas décadas após o Concílio se mostraram frutíferas. As celebrações do povo de Deus são lugar de autêntica experiência do Espírito e de verdadeira oração, capaz de imprimir um estilo à vida cristã.

11 LANG O., *Spiritualità liturgica*, p. 24.

12 Cfr. DONGHI A., *Alla tua luce vediamo la luce. L'esperienza spirituale cristiana vive nel mistero della celebrazione liturgica*. Roma: LEV 2008, p.20.

13 Cf. TRIACCA A.M., "Préface", in Triacca A. M. e Pistoia A. (Edd.), *Liturgie spiritualité cultures. Conférences Saint-Serge. XXIX Semaine d'Etudes liturgiques*. Roma: CLV Edizioni Liturgiche, Roma 1983, p. 9.

2.1 O que é espiritualidade?

Por espiritualidade se entende um itinerário de vida no Espírito de Deus, itinerário caracterizado por certas formas em que diferentes espiritualidades existem de acordo com as modalidades. O conceito "espiritualidade", geralmente se entende a chamada "vida espiritual". Mas como este conceito está exposto a vários mal-entendidos, é necessário especificá-lo. Do ponto de vista negativo, a vida espiritual – espiritualidade – não é o oposto da vida corpórea. Espiritualidade não é privilégio de um estado especial na Igreja. Na espiritualidade e na vida espiritual, não se trata apenas da vida interior (no sentido de um intelectualismo helenista, por exemplo).

"Espiritualidade" ou "vida espiritual" referem-se à experiência vivida à luz do Espírito, pois tem seu princípio objetivo no dom do Espírito. Poder-se-ia dizer: o homem-em-Cristo e, portanto, "segundo o Espírito" pode fazer (e em certa medida sempre faz) uma "experiência (de si mesmo e de Deus) segundo o Espírito"¹⁴.

A definição positiva do conceito de espiritualidade cristã baseia-se na Sagrada Escritura, sobretudo no Novo Testamento. Espiritual – pneumático é, portanto, um conceito fundamentalmente escriturístico¹⁵. Espiritualidade no sentido positivo da palavra é a totalidade de nossa vida humano-cristã sob a orientação do Espírito de Deus, do Espírito Santo, com a integração do homem na esfera do sobrenatural: *"Nós não recebemos o espírito do mundo, mas recebemos o Espírito que vem de Deus, para conhecermos os dons que Deus nos concedeu. Desses dons também falamos, não com palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas com palavras ensinadas pelo Espírito, aplicando a realidades espirituais uma linguagem espiritual. O homem não-espiritual não aceita o que é do Espírito de Deus, pois isso lhe parece loucura. Ele não é capaz de entendê-lo, porque só pode ser avaliado pelo Espírito. Ao contrário, o homem espiritual julga tudo, mas ele mesmo não é julgado por ninguém. Pois quem conheceu o pensamento do Senhor, de maneira a poder lhe dar conselho? Nós, todavia, temos o pensamento de Cristo"* (1Cor 2,12-16).

2.2 Formas da espiritualidade cristã

A Igreja antiga praticamente conhecia apenas uma forma de espiritualidade, que encontramos por exemplo nas catequeses mistagógicas dos pais da Igreja. A característica dessa espiritualidade é a harmonia ou o equilíbrio entre a vida de oração e a vida ativa, como é demonstrada, por exemplo um texto de Orígenes em *De oratione* (12,1-2): "Aquele que une a oração e as ações obrigatórias às obras obrigatórias, reza incessantemente; pois só assim podemos acolher a "oração sem trégua" como um mandamento que pode ser traduzido em prática, se chamarmos a vida inteira do santo uma única, contínua e grande oração".

14 MOIOLLO G., *Liturgia e vita spirituale*, in «Rivista Liturgica», 3 (1974), p.326.

15 Se pode conferir especialmente em: Jo 3,5; 4,24; 16,13; At 2,17s; Rm 5,5; 6; 8,2.5.9.11.14s; 1Cor 2,4.10-16; 3,16; 6,16s; 12,13...

Depois podemos observar uma mudança de atitude devido ao movimento monástico. Somente na Idade Média (por exemplo, com São Francisco de Assis) há uma nova espiritualidade também para os cristãos no mundo (“ordem terceira”). Outros movimentos: o movimento místico, a devoção moderna, a piedade inaciana, teresiana, a piedade barroca de São Francisco de Sales, etc., são formas concretas, mas especiais para a realização da vida cristã – em um certo sentido, no entanto, também formas parciais e unilaterais.

Qual é, no entanto, o fundamento comum de todas as formas de espiritualidade cristã? Qual é a forma típica da espiritualidade da Igreja? A resposta que encontramos nos decretos do Concílio Vaticano II: *Lumen Gentium* nn. 39-49 (principalmente n. 42) em relação com o capítulo VII da Constituição sobre a Igreja. “Com efeito, Cristo, Filho de Deus, ... amou a Igreja como esposa, entregou-Se por ela, para a santificar e uniu-a a Si como Seu corpo, cumulando-a com o dom do Espírito Santo, para glória de Deus. Por isso, todos na Igreja, quer pertençam à Hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade... Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em cada um daqueles que, no seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, com edificação do próximo...” (LG n. 39).

A (LG n. 40) determina com mais precisão esta vocação universal à santidade na Igreja. Já na (LG n. 41) destaca as consequências para os bispos, os padres e outros graus de ministério na Igreja, mas também para cônjuges e pais cristãos, etc. De acordo com a (LG n. 42) a fonte dessa forma válida de espiritualidade para todos é a liturgia, realizando-se nos atos de caridade: “Para que esta caridade, como boa semente, cresça e frutifique na alma, cada fiel deve ouvir de bom grado a palavra de Deus, e cumprir, com a ajuda da graça, a Sua vontade, participar frequentemente nos sacramentos, sobretudo na Eucaristia, e nas funções sagradas, dando-se continuamente à oração, à abnegação de si mesmo, ao serviço efetivo de seus irmãos e a toda a espécie de virtude” (LG n. 42).

É uma experiência não tanto e não necessariamente de “contemplação”, mas de “conhecimento de Deus, como caridade manifestada em Cristo”¹⁶. A experiência cristã, por sua própria natureza, assume o evento expresso na celebração litúrgica, torna-se a realidade vivida, por assim dizer. Portanto, a princípio, não se concebe uma experiência cristã que seja colocada fora ou ao lado da celebração litúrgica.

2.3 Espiritualidade litúrgica

Depois de tanto tempo em que a liturgia fora reduzida a um conjunto de cerimônias, a recentralização litúrgica de sua espiritualidade não foi automática ou sem dificuldades a nível da implementação e prática, tanto na vida das dioceses e das paróquias, como nos Institutos religiosos, onde a prática e as tradi-

16 Cf. MOIOLLO G., *Liturgia e vita spirituale*, in «Rivista Liturgica», 3 (1974), p. 326.

ções dos últimos séculos, negaram à liturgia o poder de se configurar como fonte natural da vida espiritual.

Hoje, o problema não se dá tanto pela dificuldade em reconhecer a “fontalidade” primária da liturgia em relação à vida espiritual cristã, mas pelo contexto cultural e social contemporâneo, que se mostra insensível e indiferente à realidade espiritual, ou até mesmo, privilegia o acesso à vida espiritual não através da liturgia, mas por meio de critérios oferecidos por culturas, religiões e métodos de internalização de tipo oriental ou da psicologia, da sociologia, do estudo dos fenômenos religiosos e até da estética. O fenômeno da secularização impede a compreensão da linguagem simbólico-ritual e, em um lado mais interno do cristianismo contemporâneo, devemos enfrentar o contraste entre fé e ritos.

Estas dificuldades não nos desanimam, mas sublinham a urgência de propor uma convicção fundamental que perpassa toda a história da Igreja, isto é, toda a vida cristã deve estar baseada na liturgia, ou seja, na celebração dos sacramentos, sobretudo nos sacramentos da iniciação cristã e, em princípio, sobre a celebração da Liturgia das Horas, no marco do ano litúrgico¹⁷.

2.3.1 Espiritualidade litúrgica no magistério do Concílio Vaticano II

A interação necessária entre a liturgia e a vida espiritual foi fundamentalmente esclarecida pela abordagem doutrinal do Concílio Vaticano II, a partir da própria (SC nn. 9-14) que nos ofereceu uma necessária resposta inicial às muitas questões levantadas sobre a relação geral entre a liturgia e a vida da Igreja nos anos que antecederam o Concílio. As referências à oração à ascese, na (SC n. 12), e à piedade popular e aos exercícios piedosos na (SC n. 13), bem como as afirmações fundamentais (SC n. 10 e 14) que colocam teologicamente, contra qualquer visão polêmica, a relação entre liturgia e espiritualidade.

Mas não é interessante parar na (SC). A solução real para o problema e, portanto, a superação do dilema é encontrada na linha da teologia bíblica, aberta pela (LG n. 10) sobre o sacerdócio dos fiéis e o culto espiritual da existência cristã, na sua lógica exigência de celebração litúrgica e vida quotidiana dos crentes, da vida dos fiéis, baseada nos sacramentos e nas virtudes (LG n.11). É com base na teologia bíblica do culto existencial cristão que deve ser valorizado o significado “litúrgico”, “cultural” da vida espiritual em todas as suas manifestações: oração, ascese, caridade, apostolado, trabalho... no dinamismo da caridade e na constante ação do Espírito Santo, cujo nome e ação devem estar subjacentes a qualquer referência à “espiritualidade”¹⁸. Toda a vida dos cristãos em virtude do batismo, da confirmação, da Eucaristia, dos outros sacramentos e do exercício das virtudes torna-se um culto espiritual (LG n. 34). Uma perspectiva unitária nos é apresentada na (LG n. 42) quando fala da vocação universal à santidade.

17 Cf. NEUNHEUSER B., Espiritualidade litúrgica, in TRIACCA A.M. (Ed.), *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, 370-388, 382. Cf. TAMBURINO F.P., *La Liturgia fonte di un'autentica spiritualità cristiana*, in Centro di Azione Liturgica (a cura di), *Liturgia fonte e culmine. A 40 anni dalla Costituzione sulla Sacra Liturgia*. Roma: Edizione Liturgiche, 2004, pp.161s.

18 CASTELLANO CERVERA J., *Liturgia e spiritualità: un binomio e un problema*, in RPL 30 (1992) p. 21.

As relações que intercorrem entre a liturgia e a vida espiritual dos fiéis podem ser vistas esboçadas na afirmação que diz: “a Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força” (SC n. 10). A liturgia é “cume e fonte” só depois de tê-la proposto na sua verdadeira natureza, isto é, à luz do Mistério de Cristo e da Igreja, depois de ter entendido a sua função na vida da Igreja. “A Liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, se opera o fruto da nossa Redenção, contribui em sumo grau para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o Mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja” (SC n. 2).

A Constituição conciliar pressupõe o aspecto cristológico como essencial e constitutivo, a ponto de falar de uma presença ativa de Cristo nas múltiplas formas “*praesertim in actionibus liturgicis*” (“especialmente nas ações litúrgicas”, (SC n. 7): no santo sacrifício da Missa, na pessoa do ministro, sob as espécies eucarísticas, com o seu dinamismo nos sacramentos, na sua palavra, na oração e no louvor da Igreja reunida em seu nome. Portanto, o fundamento comum de toda espiritualidade e de todas as formas de espiritualidade cristã é a obra salvadora de Cristo, da qual os cristãos participam ativamente (cf. SC nn. 5-13).

O aspecto eclesial é particularmente evidente: na liturgia, a Igreja manifesta-se em sua própria natureza, de maneira privilegiada (SC 41) e, a partir dela, é edificada no corpo de Cristo (SC n. 2). Toda celebração litúrgica é “*opus Christi sacerdotis, eiusque Corporis, quod est Ecclesia*”: ação, portanto, de Cristo e da Igreja em vínculo inseparável, ação sagrada por excelência e nenhuma outra ação da Igreja, da mesma maneira e no mesmo grau, iguala sua eficácia (SC 7), ação simbólica e eficaz que atualiza economia salvífica e predispõe, associando-a já agora, à liturgia celeste (SC n. 9).

As interpretações pós-conciliares da liturgia como “*culmen et fons*” tendem a diluir seu escopo, limitando o princípio à Eucaristia somente. É verdade que a própria Constituição litúrgica afirma que o princípio enunciado se aplica sobretudo à Eucaristia, quando conclui dizendo: “Da Liturgia, pois, em especial da Eucaristia, corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja” (SC 10).

Mas também é verdade, como C. Vagaggini explicou muito claramente, que a Eucaristia pertence à liturgia de modo a ser seu coração e centro ou sua parte decisiva, com respeito aos outros componentes. O Mistério eucarístico é a própria quintessência da liturgia, sem a qual a liturgia cristã não é teologicamente concebível e com a qual é salva e subsiste em sua existência. É, portanto, perfeitamente correto dizer que a liturgia, em sua realidade concreta, é o “cume” e “fonte” da vida da Igreja, mesmo que isso não seja o mesmo para todas as partes, mas formalmente para a Eucaristia¹⁹.

Os documentos da Igreja pós-Vaticano II retomam nosso tema com inúmeras citações, por exemplo *Ratio fundamentalis* (1970); *Familiaris conconstitutio* (1982); *Catecismo da Igreja Católica* (1992), *Eucaristicum Mysterium* (1967);

19 Cf. VAGAGGINI C. – MARSILI S., *Costituzione sulla sacra liturgia. Testo latino e italiano*. (Presentazione: C. Vagaggini). Torino-Leumann: LDC, 1964, p.17. AUGÉ M., *Spiritualità liturgica*, o.c., p. 89.

IGMR (1970); *Redemptor hominis* (1979); *Sacramentum caritatis* (2007). Mas merece atenção especial a Carta Apostólica de João Paulo II *Vigésimo quinto annus*, de 1988 onde ele nos diz que os frutos emanados da Liturgia são os mais visíveis do Concílio e o mais recente documento do Papa Francisco, a Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* (2022) onde ele nos diz:

Gostaria que esta carta nos ajudasse a reavivar nossa admiração pela beleza da verdade da celebração cristã, a nos lembrar da necessidade de uma autêntica formação litúrgica e a reconhecer a importância de uma arte de celebrar que está em o serviço da verdade do Mistério Pascal e da participação de todos os batizados nele, cada um segundo a sua vocação. Toda essa riqueza não está longe de nós. Está em nossas igrejas, em nossas festas cristãs, na centralidade do Dia do Senhor, no poder dos sacramentos que celebramos. A vida cristã é uma jornada contínua de crescimento. Somos chamados a deixar-nos formar na alegria e na comunhão. Para isso, desejo deixar-lhes mais uma indicação para seguir em nosso caminho. Convido-vos a redescobrir o sentido do ano litúrgico e do Dia do Senhor. Ambos também nos foram deixados pelo Concílio (DD nn. 62-63).

Pode e deve ser afirmado que a experiência cristã nasce “diretamente” da liturgia, em particular do batismo e da Eucaristia: a iniciação cristã é “a primeira participação sacramental na Morte e Ressurreição de Cristo”, diz a Introdução ao Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA, n. 8). Por outro lado, não é uma questão da quantidade ou ritmo das celebrações, mas de um estilo de vida espiritual que parte da e leva à celebração. Não se pode esquecer que, ao longo da história, houve períodos de grande esplendor ritual que foram, ao mesmo tempo, um óbvio declínio da espiritualidade litúrgica.

A celebração litúrgica não pretende ser a única possibilidade do encontro salvador do homem com Deus, nem é concebível que seja sempre de um modo culminante. Sendo ligada à sua atuação prática, pode acontecer que lhe venha menos a radicalidade e determinação existencial, que podem vir a existir em outras situações da vida. Não há dúvida de que o cristão pode ter momentos fortes de experiência espiritual fora da celebração litúrgica em que sua resposta a Deus atinge um verdadeiro cume. Assim, por exemplo, no martírio, na contemplação, num momento de intensa oração, de oferta de si, de amor ao próximo, etc. Mas, mesmo nestes casos, devemos dizer que tal resposta procede da graça batismal agindo ao máximo e tende ao culto dado ao Pai por Cristo na Eucaristia com toda a Igreja²⁰. Podemos, portanto, afirmar que a liturgia é o elemento unificador da experiência espiritual do crente. A espiritualidade litúrgica está no fundo de toda espiritualidade cristã e não há alternativa possível entre ela e as outras “espiritualidades”, mas acoplada e em conjunção²¹.

A espiritualidade entendida como a força do crescimento para a maturidade em Cristo tem sua origem e seu ápice na realidade litúrgico-sacramental. A vida espiritual cristã nos é transmitida, se desenvolve, amadurece e atinge a perfeição através da liturgia. Ou seja, trata-se do amadurecimento da vida cristã

20 Augé M., *Spiritualità litúrgica*. “Offrite i vostri corpi come sacrificio vivente, santo e gradito a Dio”. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1998, pp. 92-93.

21 Idem, p. 91.

que nasce do contato com Cristo em virtude do Espírito Santo e se dirige para a plena comunhão com Ele: *vida – mysterium*.

Nos textos eucológicos, os fiéis são constantemente chamados ao exercício da vida cristã, seguindo o exemplo de Cristo, modelo do agir divino: isso não é outra coisa senão a espiritualidade litúrgica. Portanto, podemos dizer que a espiritualidade que brota da liturgia é uma espiritualidade que coloca o momento da celebração e da vida cristã em estreita união. Portanto, a espiritualidade não se limita exclusivamente à ação litúrgica. A celebração, realizada de forma vital, ativa e conscientemente vivida, torna-se a cume da vida dos fiéis e fonte de uma espiritualidade que envolve toda a vida e piedade pessoal do cristão.

Todo o progresso da vida cristã é caracterizado pelo aspecto *mistérico*, isto é, pelo, no e com o *mysterium*. É, portanto, uma questão do caráter histórico-salvífico da espiritualidade que encontra sua expressão mais perfeita na Eucaristia. A espiritualidade litúrgica não é a forma especial de espiritualidade própria de uma determinada ordem religiosa ou própria a um determinado tempo. Todas as outras formas de espiritualidade cristã devem ser orientadas para esta forma fundamental.

3. Características da espiritualidade derivada da liturgia

A liturgia é descrita pelo Concílio Vaticano II como: “exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus Cristo – cabeça e membros – presta a Deus o culto público integral” (SC n. 7). A partir desta definição, surgem algumas notas que determinam o estilo de vida espiritual inspirado pelos princípios da liturgia.

As principais características são o cristocentrismo sacramental, a esfera eclesial, o papel do Espírito Santo, a ênfase eucarística e uma visão antropológica particular. Estas ênfases, já presentes na “*devotio antiga*” da Igreja, nos Padres, nos livros e nos ritos litúrgicos da antiguidade cristã e que o movimento litúrgico primeiro, e depois a reforma conciliar, procuraram destacar²². Vamos compreender o que parecem ser as características distintivas da espiritualidade que brota da liturgia.

3.1 Dimensão histórico-salvífica e Pascal

O fundamento da vida espiritual do cristão não repousa no homem, na sua boa vontade, nos seus esforços e programas, mas nos sinais memoriais que se fazem presentes nas ações litúrgicas a “*mirabilia Dei*” realizada na história da salvação e que culmina no Mistério Pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.

22 Cf. TAMBURINO F. P., *La liturgia fonte di un'autentica spiritualità cristiana*. in AA.VV., *Liturgia fonte e culmine. A 40 anni dalla Costituzione sulla Sacra Liturgia. 54 Settimana liturgica Nazionale*. Roma: Edizioni Liturgiche, 2004, pp. 159-174. Aqui, p. 163-164.

O Mistério de Cristo, em toda a sua amplitude, é o fundamento objetivo de toda a vida espiritual cristã e está na celebração, no memorial real, na atualização, na representação do "Mistério", isto é, de Jesus Cristo, na sua Morte e Ressurreição, à edificação da Igreja, à santificação dos crentes e de todo o povo de Deus, na conformação ao Crucificado Ressuscitado para a glória de Deus e à sua adoração em Espírito e verdade²³. A íntima conexão entre os movimentos bíblico e litúrgico ressurgem no aprofundamento da espiritualidade litúrgica, em que a dimensão bíblica é fundamental²⁴.

A dimensão histórico-salvífica constitui a estrutura (suporte) dos Mistérios celebrados na liturgia. Um exemplo é dado na própria celebração da Páscoa, especialmente na Vigília, construída sobre o fio da história da salvação, do Gênesis ao Novo Testamento e celebra o Mistério cristão em sua totalidade, abrangendo toda a economia da Verbo, da Encarnação à Ascensão, mesmo que o ponto de convergência continue sendo o evento da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo²⁵; será suficiente lembrar, entre todos, os escritos da antiguidade cristã, a *Peri Pascha* (Sobre o Pessach) de Melitão de Sardes, que vê realizado em Cristo todas as figuras dos dois Testamentos: "Ele é a Páscoa da nossa salvação (...), ele é aquele que foi morto na pessoa de Abel, preso em Isaque, vendido em José, exposto em Moisés, imolado no cordeiro, perseguido em Davi, vilificado nos profetas. Este é aquele que se encarnou na Virgem, que foi pregado no madeiro, que foi sepultado na terra, que ressuscitou dos mortos, que foi assumido nas alturas dos céus (nn. 69-70)"²⁶.

Um elemento importante do processo celebrativo é o aspecto santificador produzido pela "conformação" ao Mistério Pascal de Cristo. Neste ponto, é de particular interesse o que a Constituição litúrgica afirma: "a liturgia dos sacramentos e sacramentais faz com que a graça divina, que deriva do Mistério Pascal da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, onde vão buscar a sua eficácia (*virtus*) todos os sacramentos e sacramentais, santifique todos os passos da vida dos fiéis que os recebem com a devida disposição. A ela se deve também que não deixe de poder ser orientado para a santificação dos homens e para o louvor de Deus o bom uso das coisas materiais" (SC n, 61). Toda a graça que os sacramentos e sacramentais comunicam emana do Mistério Pascal, portanto, é de algum modo uma graça Pascal; a "*virtus*" santificador que estes sinais eficazes de graça possuem, também deriva do Mistério Pascal; a "*virtus*" santificadora que estes sinais eficazes de graça possuem, também deriva do Mistério Pascal; esta graça e esta "*virtus*" destinam-se a santificar, isto é, a penetrar na luz e na energia Pascal, toda a realidade da vida e do mundo também material²⁷.

23 Cf. NEUNHEUSER B., *Espiritualidade litúrgica*, in TRIACCA A.M. (Ed.), *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, 370-388.

24 Cf. FALSINI R., *Fondamento biblico del linguaggio liturgico*, Milano: OR, 1991; TAMBURINO F. P., *La liturgia fonte di un'autentica spiritualità cristiana.*, p 165.

25 Cf. TAMBURINO F.P., *La nostra Pasqua è Cristo*, in AA.VV., *La Veglia pasquale, madre di tutte le veglie, centro dell'anno liturgico*, Napoli, 1991, p.11.

26 CANTALAMESSA R., *I più antichi testi pasquali della Chiesa*. Roma: Bibliotheca Ephemerides Liturgicae, Sectio Historica 33, 1972, pp. 40-41.

27 Cf. VISENTIN P., *Mistero pasquale e teologia dei sacramenti nell'insegnamento del Vaticano II*, in VISENTIN P., *Culmen et fons. Raccolta di studi di liturgia e spiritualità*, Padova: EMP, 1987. Vol. II, p. 30.

“A Eucaristia constitui o centro de toda a vida cristã para a Igreja universal, para a Igreja local e para os fiéis individualmente” (IGMR, n. 16) assim começa a Instrução ao Missal. Ela completa a finalização tanto do conjunto dos sacramentos (vistos como um todo orgânico) quanto de toda a celebração litúrgica da Igreja em sua dimensão mais ampla, que abrange o ciclo do ano litúrgico e o *cursus* semanal e cotidiano, ritmado pela Liturgia das Horas, quase uma constelação de momentos de oração e de adoração que giram em torno do sol (...). Analisando o rico conteúdo do Mistério eucarístico, realmente nos aparecerá, como não há aspecto da vida e missão da Igreja que não esteja intimamente relacionado com a Missa²⁸.

Como a Eucaristia e a espiritualidade estão intimamente ligadas, explica a Constituição sobre a Igreja: “Pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã, (os fiéis) oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela” (LG n. 11). A partir deste e de outros textos conciliares pode-se deduzir que a liturgia é “*culmen et fons*”, especialmente em seu momento central constituído pela Eucaristia.

A ação sacramental deve então ser acompanhada por nosso esforço pessoal, sempre em vista de uma conformação mais profunda ao Cristo da Páscoa. “Todos os membros se devem conformar com Ele, até que Cristo se forme neles. Por isso, somos assumidos (*in eius vitae mysteria*) nos Mistérios da Sua vida, configurados com Ele, com Ele mortos e ressuscitados, até que reinemos com Ele” (LG n. 7).

Com este modelo diante dos olhos, a Igreja peregrina aqui embaixo colhe todo sofrimento como meio de se associar a sua Cabeça. Em suma, até mesmo o ideal de santidade cristã para o qual a espiritualidade extraída da fonte litúrgica leva, basicamente, a reproduzir e continuar em nós o Mistério Pascal em seu duplo aspecto de Morte e nova vida em Cristo até a glória. A espiritualidade cristã realiza essa “reciprocidade de em existência pneumática com o eternamente real Redentor”, do qual Guardini havia falado, para que “figura, obra, paixão, Morte e Ressurreição do Redentor” possam se tornar “forma e conteúdo de uma nova existência”²⁹.

“*Sacramenta propter hominis*”: os sacramentos são dirigidos aos homens, distribuídos ao longo da vida humana, desde o nascimento até o sepultamento, com todos os exames internos: iniciação, escolha vocacional, intervenções terapêuticas sobre o pecado e a doença. Precisamente porque nenhum momento e nenhuma situação em nossas vidas podem escapar à força plasmadora dos sacramentos, na prática litúrgica das Igrejas, os vemos particularizados segundo o número setenário, como momentos diversificados do único Mistério do Cristo Sacramento, compatível com os vários estágios de nosso viver terreno.

Para os cristãos de hoje, a espiritualidade deveria consistir em levar a sério esta realidade fundamental, com uma vida subtraída do estilo mundano e triunfalista: mortos com Cristo, vivendo com Ele, na força do Espírito buscar as coisas

28 Cf. VISENTIN P. – SARTORE D., Eucaristia. In VISENTIN P., *Culmen et fons. Raccolta di studi di liturgia e spiritualità*, Padova: EMP, 1987. Vol. II, p. 736.

29 Cf. GUARDINI R., *L'esistenza del cristianesimo*, Brescia: Morcelliana, 1959, p. 72, 50, 39.

do alto e as riquezas que não passam, dentro da comunidade dos filhos de Deus, prontos a reunir-se comunitariamente para a “fração do pão”, unidos em louvor e caridade, abertos às necessidades dos homens, animados pela firme esperança na última realização escatológica de todos os bens na superação da história.

As orações eucológicas nos ajudam a entender como a espiritualidade que brota da liturgia é exigente e postula uma tradução prática do que é comunicado nos sacramentos. Diz-se, por exemplo: “... sejam fiéis ao sacramento do batismo que receberam professando a fé³⁰” (Coleta de Segunda-feira da Oitava da Páscoa); “... para que cresçam os dons do Espírito Santo; e o alimento espiritual que recebemos aumente em nós a eterna redenção...³¹.” (Pós comunhão da missa do dia de Pentecostes); “... E fazei que compreendamos melhor o batismo que nos lavou, o espírito que nos deu nova vida, e o sangue que nos redimiu³²” (Coleta do II Domingo de Páscoa); “Concedei-nos, Deus todo-poderoso, conservar sempre em nossa vida e nossas ações a alegria das festas pascais que estamos para encerrar³³” (Coleta do sábado da VII Semana de Páscoa).

3.2 Dimensão eclesial

A dinâmica eclesial ou de intersubjetividade de comunhão, que é estrutural para toda vida espiritual autenticamente cristã, é apropriada e específica para toda a atividade litúrgico-sacramental. A liturgia nos seus ritos e palavras, na unidade e multiplicidade das suas formas, é uma epifania especial da Igreja: expressão e realização do Mistério da comunhão e da salvação³⁴.

A eclesialidade é uma nota característica e essencial do nosso chamado para sermos salvos e santificados juntos, como povo (cf. LG n. 9). Eclesialidade significa o necessário aspecto comunitário, inserção no corpo eclesial, necessidade da vida sacramental e da comunhão fraterna, orientação decididamente apostólica do viver pela Igreja, plena participação na realidade histórica eclesial, no tempo e no espaço, abertura dinâmica ao Espírito que renova e rejuvenesce a Igreja (cf. LG n. 4), como sinal inequívoco de uma autêntica santidade eclesial cristã.

A liturgia é uma magnífica escola do espírito comunitário cristão, da “*communio sanctorum*”, no duplo sentido da palavra segundo a tradição da Igreja: “comunhão das coisas santas”, como dom que nos une em Cristo – palavra e Eucaristia – à comunidade das pessoas, santificadas pelos santos Mistérios³⁵.

Na celebração litúrgica, os discípulos, através da comunidade celebrante, acolhem o dom trinitário da comunhão, para se tornarem cada vez mais comu-

30 Missal Romano, p. 297.

31 Missal Romano, p. 319.

32 Missal Romano, p. 303.

33 Missal Romano, p. 343.

34 Cf. D. SARTORE, *Chiesa e liturgia*, in *Liturgia*, o.c., 397

35 Cf. CASTELLANO CERVERA J., *La liturgia: pedagogia ecclesiale della santità cristiana*, in AA.VV., (a cura do Centro Azione Litúrgica), *Liturgia e santità*, Roma: Edizioni Litúrgiche, 2005, p.85.

nhão. Onde há comunhão, há o Espírito, lá trabalha o Cristo, lá amadurece a vocação de ser homens espirituais³⁶. Isto é o que a Igreja reza no oitavo prefácio dos domingos do tempo comum:

Quisestes reunir de novo, pelo sangue do vosso Filho e pela graça do Espírito Santo, os filhos dispersos pelo pecado. Vossa Igreja, reunida pela unidade da Trindade, é para o mundo o corpo de Cristo e o templo do Espírito Santo, para a glória da vossa sabedoria³⁷.

A liturgia coloca em sinergia Cristo a cabeça e a Igreja seu corpo; ensina que todo membro do corpo eclesial deve entender-se como Igreja e, concretamente, na ação litúrgica, como sujeito constituinte de uma assembleia. A comunidade não é simplesmente o lugar onde a Eucaristia é celebrada, mas é verdadeiramente o celebrar eucarístico em sua totalidade: somos constantemente chamados a fazer a comunhão eucarística nas três Pessoas divinas³⁸, como a Epíclise da comunhão da terceira oração eucarística afirma: "... concedei que, alimentando-nos com o Corpo e o Sangue do vosso Filho, sejamos repletos do Espírito Santo e nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito³⁹".

Neste ponto os caminhos da "devotio antiqua" ou litúrgica e da "devotio moderna" se espalham. A *devotio moderna* cuida da interioridade do indivíduo, dos caminhos da meditação sobre a humanidade de Cristo e seus Mistérios, pretende desenvolver a adesão a Deus através da oração do coração, a adoração. Com a aplicação de faculdades e do sentimento.

Muitas expressões do caminho da santidade têm o tom do personalismo cristão, sempre necessário, mas muitas vezes reduzem a vida cristã a um individualismo. Muitas experiências do Evangelho destacam valores pessoais, mas nem sempre dão o tom certo dessa comunhão e aquela socialidade própria do Evangelho. O caminho da liturgia, por outro lado, envolve por sua "própria natureza" (SC n. 14) toda a assembleia numa "participação ativa, consciente e frutuosa" (SC n. 14). A oração litúrgica nunca é uma ação privada, mas pertence a todo o corpo da Igreja, manifesta e implica-o. O sinal visível da Igreja, o sujeito universal, é constituído pela assembleia particular.

As ações litúrgicas aparecem na eucologia romana como um Mistério renovado para os fiéis que se sucedem no tempo, então sua primeira característica é a dimensão comunitária. Os fiéis reunidos para a celebração, desde o primeiro contato com a oração litúrgica, encontram-se não como indivíduos, mas como comunidade. Tal afirmação é apoiada pela mesma terminologia usada nos textos. A eucologia, de fato, designa o grupo dos fiéis com a primeira forma plural do verbo.

Além disso, o caráter comunitário ainda é expresso de outras formas, mas a mesma realidade comunitária é sempre indicada. A assembleia dos fiéis que se

36 Cf. DONGHI A., *Alla tua luce vediamo la luce*, p.143.

37 Missal Romano, p. 435.

38 Cf. *Idem*, p.148

39 Missal Romano, p. 484.

dirige ao Pai usa toda a gama de palavras possíveis: sua Igreja, povo seu, vossa família, teus fiéis, etc. Somos nós que pedimos a misericórdia divina sobre nossas ofertas, sobre nossos desejos, as nossas orações, a nossa redenção. Nós pedimos perdão pelos nossos pecados. Somos nós que apresentamos, imolamos, sacrificamos. Qualquer expressão literal na eucologia é basicamente usada como sinônimo e todas essas palavras levam a uma realidade comunitária. Assim, na ação litúrgica, é uma ação realizada por toda a Igreja. O mesmo deve ser dito para os efeitos da celebração que são concedidos na comunidade: *nibis*.

A liturgia nos ensina a ser e a agir como Igreja. Na liturgia, a norma – diz Guardini – somos *nós*⁴⁰. A liturgia educa ao “*nós*” comunitário e eclesial, nos extrapola do individualismo, para nos inserir no povo de Deus, expressão que se refere a um povo sacerdotal composta de pessoas em comunhão, a um corpo místico, unido e articulado, onde não somos peças, mas membros vivos e unidos. Tudo na liturgia é sopro de comunhão e pedagogia de santidade comunitária, de um povo santo e de uma santidade de povo, onde juntos nos ajudamos a percorrer as etapas da perfeição⁴¹. A oração comunitária exprime a dimensão fraterna, que requer toda verdadeira relação cristã e, portanto, também filial com o qual se dirige a Deus como Pai. A Igreja se realiza na essência quando na liturgia se expressa como uma comunidade em oração.

Mas, falando do sujeito ou dos autores da ação litúrgica, devemos também levar em conta o aspecto individual do fiel que participa. Ele é investido do Mistério celebrado em sua totalidade, isto é, a ação eucarística tem como objeto da operação sacramental todo o ser humano. Muitas vezes insiste-se em indicar corpo e alma; mente e corpo, mas sempre dentro da estrutura da vida comunitária.

Por outro lado, a “participação na sagrada Liturgia não esgota, todavia, a vida espiritual” (SC n. 12): há a oração feita no segredo do quarto, a urgência de rezar incessantemente e participar no nosso corpo nos sofrimentos de Cristo e tem um desenvolvimento legítimo em face de formas devocionais e de piedade popular.

O sentido mais sério disso se coloca dentro de uma comunhão, é o compromisso de abrir-se a um horizonte que vai além do simples individual e subjetivo, para “se comprometer” com uma nova “responsabilidade”. A oração litúrgica não pede a perda da própria unidade, história e originalidade pessoal, mas sim o situar-se dialógico deste dentro de um “outro” horizonte que é capaz de se revelar também como o mais “próprio”, o mais “adequado” e o mais “libertador”⁴².

A liturgia ensina a tornar-nos Igreja, a tornar-nos “voz da Igreja”, a fazer um caminho rumo à alteridade e à comunhão. Sempre que celebramos o Cristo e o seu Mistério na visão eclesial, nós cristãos sempre celebramos o “*Christus totus*”, que inclui a Cabeça e o Corpo com os membros. A Bem-Aventurada Virgem Maria, os apóstolos, os mártires, os pastores e todos os justos, junto com

40 Cf. GUARDINI R., *Il testamento di Gesù. Pensieri sulla S. Messa*, Milano: Vita e Pensiero, 1950, p. 81; TAMBURINO F. P., *La liturgia fonte di un'autentica spiritualità cristiana*, 169.

41 Cf. CASTELLANO CERVERA J., *La liturgia: pedagogia ecclesiale della santità cristiana*, o. c., 85-86.

42 Cf. FANTINI N., *Pregare e meditare nella liturgia. Spunti di riflessione intorno a un problema*, in RL 77 (1990) 679.

os anjos e santos, participam no culto da Igreja peregrina, (cf. SC nn. 103-104). A Igreja celebra sempre e unicamente o Mistério Pascal mesmo nas de seus santos, enquanto estes são configurados a Cristo morto e ressuscitado e, como tal, são celebrados e apresentados como modelos da Igreja.

3.3 Dimensão pneumatológica

“Liturgia e Espírito Santo”: este binômio inseparável envolve toda a vida dos fiéis: é, na verdade, a base da espiritualidade litúrgica e a pastoral sacramental se move em torno dele. A espiritualidade litúrgica é baseada na ação e presença do Espírito Santo na ação litúrgica e, portanto, na realidade litúrgica: Mistério – ação – vida. Para cada fiel, a presença do Espírito Santo traz consigo o triplo efeito: de santificação, de consagração, de culto, justamente pelo propósito íntimo de assimilar-se em unidade a Cristo – Igreja. Significa que a repetida *Epiclese* do Espírito celebrada na liturgia torna-a um verdadeiro pentecostes perpétuo no tempo e no espaço, com todos os seus efeitos.

A determinação explícita de que a liturgia é sempre realizada no Espírito Santo ou em virtude do Espírito Santo não foi formulada de maneira incisiva na SC. Sua ausência foi notada na época pelos teólogos orientais e ortodoxos. Mas houve uma recuperação em outros textos do Concílio (LG n. 59; PO n. 5). Mais tarde, o Catecismo da Igreja Católica (nn. 1091-1109), na seção dedicada à celebração do Mistério de Cristo, deu amplo espaço à atividade do Espírito Santo⁴³.

A. M. Triacca, introduzindo os Atos da 29ª Semana de Estudos Litúrgicos de Saint-Serge, afirma: “Onde o Espírito Santo dirige o seu sopro, eu não tenho conhecimento (cf. Jo 3,8). Mas eu sei com certeza que ele sopra na liturgia. Segue-se que aproximar-se da liturgia é aproximar-se do Espírito Santo. Porque se a liturgia não é um sinal eficaz da presença e da ação do Espírito, ela não é nada⁴⁴.”

Na ação litúrgica, na qual se realiza a atualização sacramental do “Mistério”, existe o Espírito. Com efeito, toda ação litúrgica é *Epiclese* do Espírito, uma epifania do Espírito, sacramento do Espírito⁴⁵. Na liturgia, o Espírito é aquele que faz a Palavra de Deus viva e eficaz, ele o princípio da ação sacramental que dá vida. Na Introdução ao Lecionário podemos encontrar essa afirmação: “Para que a Palavra de Deus realmente produza nos corações aquilo que se escuta com os ouvidos, requer-se a ação do Espírito Santo, por cuja inspiração e ajuda a Palavra de Deus se converte no fundamento da ação litúrgica e em norma e ajuda de toda a vida” (IL n. 9).

A Palavra proclamada na celebração litúrgica não seria “acolhida” pelos fiéis sem a ação do sagrado *Pneuma*: ele é a acolhida da Palavra nos fiéis. Onde

43 Cf. TAMBURINO F. P., *La liturgia fonte di un'autentica spiritualità cristiana*, p.170.

44 TRIACCA A.M., *Preface*, in TRIACCA A. M. e PISTOIA A. (Edd.), *Liturgie spiritualité cultures. Conférences SaintSerge. XXIX Semaine d'Etudes liturgique*. Roma: CLV Edizioni Liturgiche, 1983, p.7.

45 Cf. TRIACCA A.M., *Espírito Santo*, in SARTORE D.; TRIACCA A. M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 359-370.

a memória dos eventos salvíficos é renovada e a Igreja se oferece com Cristo ao Pai no Espírito Santo, a presença do Paráclito é incessante, de modo que o "memorial" seja vital e a participação seja frutífera e significativa⁴⁶.

É o Espírito presente e operante que constitui o princípio vivificante da ação litúrgica, de modo que a liturgia celebrada na terra já pertence à ordem das realidades celestes (cf. VD n. 16). O Espírito é aquele que reúne na unidade os convocados, coloca-os em comunhão com Cristo e entre eles – os torna "um só corpo e um só espírito" – os enche de energia para que possam ser testemunhas de Cristo entre os homens. Compreendemos, pois, a íntima conexão entre o que o Espírito realiza na liturgia e a ação santificadora que ele desenvolve e amplia na Igreja e nos fiéis.

A espiritualidade cristã não é uma teoria nem uma doutrina abstrata, mas – como a liturgia – o lugar do Espírito, a experiência do Espírito trazida na vida. A espiritualidade litúrgica é caracterizada pela objetividade por causa do Espírito Santo. Ela (a espiritualidade) deve fazer com que os fiéis compreendam e inculquem que a liturgia é simultaneamente uma profissão de fé na Epíclise do Espírito e na Epíclise vivida na vida dos fiéis e celebrada na ação litúrgica: onde se renova a memória dos eventos salvíficos e se oferece a "ecclesia" com o Cristo ao Pai através do Espírito Santo, a presença do Espírito é incessante porque o "memorial" é vital e é realizado e, assim a participação é frutífera e significativa. O Espírito se torna o princípio vital da existência da pessoa redimida: "Todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus" (Rm 8, 14). O próprio uso do termo "espiritualidade" ou "espiritual" deve ser redimido de um emprego "fraco", estabelecido por séculos. Na tradição bíblica, patrística e litúrgica, ela denota a presença e ação do Espírito Santo⁴⁷.

À luz dessas considerações, podemos entender como a espiritualidade litúrgica é a mais efetiva "visibilização" da presença invisível e ação imediata do Espírito Santo. Sem vida litúrgica, a espiritualidade cristã pode correr o risco de se tornar uma simples experiência psicológica ou individualista; sem participação interior na ação litúrgica construída no Espírito Santo, a liturgia é reduzida a um vazio ritualismo⁴⁸.

3.4 Dimensão antropológica

A ação litúrgica é um ato do homem todo, que também envolve sua corporeidade. Este aspecto passou por um desenvolvimento extraordinário no período pós-conciliar, favorecendo o aporte das ciências humanas no aprofundamento da experiência religiosa, da linguagem simbólica e da ação ritual. A liturgia é fundamentalmente ato de um corpo. Um corpo social, um grupo de homens e de mulheres. Mas também do próprio corpo; longe de ser uma atividade exclusivamente intelectual, a liturgia diz respeito muito mais globalmente a todo o corpo.

46 Idem.

47 Cf. TAMBURINO F. P., *La liturgia fonte di un'autentica spiritualità liturgica*, 171.

48 Cf. DONGHI A., *Alla tua luce vediamo la luce*, p.39.

A celebração litúrgica é a celebração da salvação, feita, no entanto, por homens que têm sua própria história, sua própria natureza, sua própria língua, que mudam com a variação da cultura e das mentalidades⁴⁹. O desenvolvimento da capacidade simbólica envolve a ritualidade, o sentido sagrado, os gestos e as atitudes do corpo, os sentidos humanos, os elementos do cosmos, espaço, o tempo, a arte. Todo este mundo não é adicionado apenas às ações simbólicas coordenadas no rito; é também a estrutura de apoio da vida espiritual. O nosso órgão para acolher o Espírito, que é o sopro criador de Deus, é todo o nosso ser, corpo e alma... Acima de tudo, o coração é a verdadeira morada do Espírito Santo. É nele que o Espírito atesta ao nosso espírito que somos filhos de Deus (Rm 8,16). É o coração a ouvir, a consentir, a ser impregnado do Espírito, a assimilar o Espírito à medida que assimila a Palavra e dar os frutos espirituais do louvor e da Eucaristia⁵⁰.

Na liturgia, como na vida espiritual, o que se vive não é exclusivamente uma realidade divina, nem uma realidade simplesmente humana: é um evento divino-humano, teantrópico. Se considerarmos o problema antropológico, ainda podemos afirmar que particular relevo assume sobre duplo aspecto da liturgia e da espiritualidade os eventos da existência humana em que o poder da experiência do vivido, da vida real em sua totalidade e em seus estágios são percebidos, dentro dos quais apenas uma autêntica expressão de fé pode emergir. A liturgia ensina a ler o sentido do nascimento e da Morte, a enfrentar a tragicidade da vida, o gemido na experiência da dor, a hora da crise e da tentação, da precariedade e do rápido declínio das alegrias e seguranças terrenas.

A liturgia oferece à vida espiritual a chave para interpretar todas essas experiências humanas, incluindo o pecado e a redenção, e as abre à transcendência e a um significado oculto, mas real e acessível, que habita no Mistério de Cristo. Do ponto de vista antropológico, a pessoa humana é feita de tal maneira que aquilo que é interior o exprime e o realiza não apenas com sua interioridade, mas também com sua corporeidade.

Somos dualidade e unidade, espírito e corpo, e nos realizamos como totalidade. Portanto, a participação na celebração litúrgica ocorre somente com e a partir da totalidade da pessoa: não pode ser reduzida a uma interioridade desencarnada ou a uma exterioridade vazia. A celebração litúrgica envolve toda a pessoa como corporeidade, é, portanto, realizada através do corpo, tem lugar na corporeidade. Não é de admirar que o crente afirme que a celebração litúrgica é um lugar onde se pode experimentar Deus em realidade.

O sentido da vitória Pascal é transferido para o homem através da dimensão festiva. Ele não só trabalha e sofre, mas também ama, canta, dança, reza e celebra. A festa é um traço essencial da singularidade do homem e do crente: nela celebra no mundo o sinal da Páscoa, da salvação, do amor de Deus e da vida como dom preparado e já antecipado em figura "*per speculum in aenigma-*

49 Cf. CAPRIOLI A., *La Sacrosanctum Concilium tra tradizione e progresso*, in AA.VV., (a cura del Centro di Azione Liturgica), *Liturgia fonte e culmine*. Roma: Edizioni Liturgiche, 2004, p. 190.

50 LOUF A., *La vita spirituale*. Qiqajon: Bose, 2001, pp. 12-13; TAMBURINO F. P., *La liturgia fonte di un'autentica spiritualità*, pp. 171-172.

te" (1Cor 13,12).

Uma das críticas mais comuns à oração litúrgica, mesmo reformada pelo Concílio, seria uma antropologia insuficiente. A liturgia – é objetada, está atenta ao evento salvífico realizado em Cristo e à conclusão escatológica de seu reino, esquecendo ou subestimando o "tempo intermediário", o cansaço do caminho e o compromisso pela cidade terrena. A liturgia é reprovada por ser estilizada e estéril, desencarnada e insensível ao desenvolvimento histórico da Igreja, permanecendo distante das lutas e sofrimentos de cada dia, das aspirações e esperanças dos homens contemporâneos. Devemos reconhecer que, apesar do esforço feito na reforma do Missal, do ritual de Bênçãos e de outros livros litúrgicos, talvez não tenha sido possível dar uma resposta completa a todos as instâncias.

É verdade que muitas dificuldades, descarregadas na liturgia, dependem da falta de evangelização e de uma verdadeira introdução ao Mistério de Cristo, que são o pressuposto da celebração sacramental. O problema da linguagem e da antropologia não surge apenas para a liturgia, mas também, por exemplo, para a Sagrada Escritura, a evangelização, a inculturação, etc.

A este respeito, será possível acolher a solução equilibrada proposta por P. Visentin e formulada da seguinte forma: "Em particular, sempre achamos muito útil, se não urgentemente necessário, ajudar também (e especialmente) o homem moderno, a elevar-se ao nível histórico-salvífico, cristológico e eclesiológico, para confrontar-se, com a sua vida, com os problemas do mundo de hoje, com a palavra de Deus e com a fonte capaz de transformar e santificar toda realidade. Desse ponto de vista, muitos textos eucológicos clássicos apresentam modelos inatingíveis, dos quais sempre há algo para aprender sobre estilo e conteúdo"⁵¹.

À guisa de conclusão

Sendo a liturgia a verdadeira espiritualidade da Igreja, esta deve refletir-se na celebração juntamente com tudo aquilo que a vida de cada dia nos oferece. A cotidianidade não pode ser desprezada na ação litúrgico-sacramental, mas valorizada e celebrada. A celebração litúrgica não é um momento isolado a partir do qual nos destacamos quando ela termina. Toda a existência deve ser vivificada mediante a mesma celebração, começando da própria vida espiritual, que será sempre marcada pela presença de Deus, por meio da celebração litúrgica, e não pode existir dicotomia entre o celebrar e o viver. Assim alcançamos um nível em que a liturgia se torna forma de vida cristã e *fons et culmen vitae ecclesiae* (SC 10).

A espiritualidade cristã relaciona-se com a liturgia como fonte de vitalidade. É da liturgia que surge o conhecimento essencial da vida divina doada aos

51 Cf. VISENTIN P., *Linee di spiritualità cristiana nell'euologia del Messale Romano*, p. 449.

fiéis⁵². Ninguém, hoje, pode questionar seriamente essa afirmação do Concílio Vaticano II. As celebrações do Povo de Deus são o lugar de autêntica experiência do Espírito e de verdadeira oração, que pode oferecer um estilo de vida cristã.

Abreviaturas e siglas

CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CV II	Concílio Vaticano II
DD	<i>Desiderio Desideravi</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>

Referências

AUGÉ M., *Spiritualità liturgica*. "Offrite i vostri corpi come sacrificio vivente, santo e gradito a Dio". Cinisello Balsamo, San Paolo.

BENTO XVI, *Spe Salvi*. São Paulo: Paulinas, 2007.

CANTALAMESSA R., *I più antichi testi pasquali della Chiesa*. Roma: Bibliotheca Ephemerides Liturgicae, Sectio Historica 33, 1972, pp. 40-41.

CAPRIOLI A., *La Sacrosanctum Concilium tra tradizione e progresso*, in AA.VV., (a cura del Centro di Azione Liturgica), *Liturgia fonte e culmine*. Roma: Edizioni Liturgiche, 2004.

CASTELLANO CERVERA J., *Liturgia e spiritualità: un binomio e un problema*, in RPL 30 (1992).

CASTELLANO CERVERA J., *La liturgia: pedagogia ecclesiale della santità cristiana*, in AA.VV., (a cura do Centro Azione Liturgica), *Liturgia e santità*, Roma: Edizioni Liturgiche, 2005.

DONGHI A., *Alla tua luce vediamo la luce*. L'esperienza spirituale cristiana vive nel mistero della celebrazione liturgica. Roma: LEV 2008.

FALSINI R., *Fondamento biblico del linguaggio liturgico*, Milano: OR, 1991.

FANTINI N., *Pregare e meditare nella liturgia*. Spunti di riflessione intorno a un problema, in RL 77 (1990).

GUARDINI R., *Il testamento di Gesù. Pensieri sulla S. Messa*. Milano: Vita e Pensiero, 1950.

GUARDINI R., *L'esistenza del cristianesimo*. Brescia: Morcelliana, 1959.

52 Cf. A.M. TRIACCA, "Préface", in AA.VV., *Liturgie, spiritualité, cultures*. Roma: 1983, p.9.

- LANG O., *Spiritualità liturgica*. Questioni e problemi scelti di spiritualità liturgica (Manoscritto), Einsiedeln 1982.
- LOUF A., *La vita spirituale*. Qiqajon: Bose, 2001.
- MARSILI S., *Liturgia-Vita della Chiesa*, in «Sacra Doctrina», 7/28 (1962).
- MOIOLI G., *Liturgia e vita spirituale*, in «Rivista Liturgica», 61 (1974) n. 3, p. 330.
- MOIOLO G., *Liturgia e vita spirituale*, in «Rivista Liturgica», 3 (1974), p.326.
- NEUNHEUSER B., *Espiritualidade litúrgica*, in TRIACCA A.M. (Ed.), *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 2004, 370-388, 382.
- NOVELLA G., *Integrazione tra liturgia e spiritualità: problemi e proposte*, in «Credere oggi», n. 98, fasc. n.2 (1997), 77;
- PAPA FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi sobre a formação litúrgica do povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2022.
- TAMBURINO F. P., *La Liturgia fonte di un'autentica spiritualità cristiana*, in Centro di Azione Liturgica (a cura di), *Liturgia fonte e culmine*. A 40 anni dalla Costituzione sulla Sacra Liturgia. Roma: Edizione Liturgiche, 2004, pp. 159-174.
- TAMBURINO F.P., *La nostra Pasqua è Cristo*, in AA.VV., *La Veglia pasquale*, madre di tutte le veglie, centro dell'anno liturgico, Napoli, 1991.
- TRIACCA A.M., *Per una definizione di "spiritualità liturgica" dell'ambito liturgico*, in «Notitiae» 272, 25 (1989).
- TRIACCA A.M., «Préface», in Triacca A. M. e Pistoia A. (Edd.), *Liturgie spiritualité cultures*. Conférences Saint Serge. XXIX Semaine d'Etudes liturgiques. Roma: CLV Edizioni Liturgiche, Roma 1983.
- TRIACCA A.M., *Espírito Santo*, in SARTORE D.; TRIACCA A. M. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 359-370.
- VAGAGGINI C. – MARSILI S., *Costituzione sulla sacra liturgia*. Testo latino e italiano. (Presentazione: C. Vagaggini). Torino-Leuman: LDC, 1964.
- VISENTIN P., *Mistero pasquale e teologia dei sacramenti nell'insegnamento del Vaticano II*, in VISENTIN P., *Culmen et fons. Raccolta di studi di liturgia e spiritualità*, Padova: EMP, 1987. Vol. II.
- VISENTIN P. – SARTORE D., *Eucaristia*. In VISENTIN P., *Culmen et fons. Raccolta di studi di liturgia e spiritualità*, Padova: EMP, 1987. Vol. II.